**A Influência Setorial da Aglomeração Espacial e da Concentração de Mercado Sobre a Produtividade das Empresas Industriais Brasileiras**

**Avaliação Geral:** O trabalho avaliado tenta mostrar como a aglomeração espacial e a concentração industrial influenciam a produtividade da indústria no país. A relevância da discussão apresentada é inquestionável sendo o objetivo do trabalho condizente com os propósitos da Revista Nova Economia. O artigo apresenta um notável esforço empírico, o que deve ser visto como sua principal contribuição. Contudo, o texto apresenta limitações quanto à revisão teórica, dado a imprecisão na definição de conceitos importantes para a sua construção. Ademais, são necessários ajustes para possibilitar a devida compreensão do leitor acerca dos dados e variáveis utilizadas no procedimento empírico.

**Parecer:** O artigo deve ser modificado antes de ser (eventualmente) aprovado.

**Comentários:**

1. Uma primeira dúvida que transparece com a leitura do texto encontra-se no segundo parágrafo da página 3 (penúltimo da Introdução). Neste parágrafo o autor adianta os resultados obtidos na conclusão do trabalho. Contudo, a frase “Os resultados afirmam que a empresa (suas competências para inovar) e o setor impactam de forma diferente a produtividade da empresa” causa confusão em sua interpretação. Sugere-se que esta frase seja reescrita para possibilitar ao leitor uma melhor compreensão da idéia nela contida. De acordo com a forma como esta frase se encontra escrita fica a sensação que a empresa impacta na produtividade da própria empresa, quando se acredita que o sentido exato remeta ao impacto das competências internas à empresa em sua produtividade. No decorrer do texto foram encontradas outras passagens nas quais ocorre problema semelhante.
2. A grande limitação do trabalho está relacionada à sua segunda seção, intitulada “Teoria de Base”. Seu primeiro problema, ainda que de menor importância, está já no título (p. 3) que pode causar confusão ao leitor dado que em economia regional o termo “teoria da base” em geral é associado aos desenvolvimentos acerca da teoria da base de exportação, que constitui uma estratégia de crescimento/ desenvolvimento regional. Portanto, sugere-se a mudança no título desta seção.
3. No primeiro parágrafo da segunda seção (p.3) o autor afirma que “A relação entre o território e o processo de inovação é considerada em modelos econômicos Schumpeterianos e da Economia Espacial (ou Nova Geografia Econômica, bem como na antiga Economia Regional e Urbana)”. Quando o autor menciona a “antiga Economia Regional e Urbana” gera a sensação que ele afirma a existência de algum desenvolvimento compreendendo o papel das inovações tecnológicas já nas tradições da Teoria Clássica da Localização (A. Weber; Losch; Von Thunnen e Christaller) e da Regional Science (Walter Isnard), quando na verdade não há. Estas duas tradições, que praticamente fundaram a economia regional, não fazem menção ao termo inovação e nem consideram aspectos que possam ser diretamente associados a este conceito. Isto é uma decorrência da influência da economia neo-clássica na formação destas tradições. A inovação somente é introduzida na literatura voltada para a economia regional por F. Perroux no desenvolvimento de sua teoria dos pólos de produção. Nesse sentido, é necessária uma revisão no trecho acima destacado.
4. O autor deixa transparecer ao longo do texto que os termos “Sistema Regional de Inovação” e “Aglomeração Espacial” são sinônimos, ocorrendo o mesmo com os conceitos de “Sistema Setorial de Inovação” e “Concentração Setorial”, como no trecho a seguir: “(...) percebe-se uma relação entre a concentração espacial e a concentração setorial, com relação próxima entre a fase do ciclo de vida da tecnologia na indústria. Em outras palavras, existe uma relação próxima entre o Sistema Regional de Inovação e o Sistema Setorial de Inovação” (p.5). Faz-se necessário uma melhor definição dos termos Sistema Regional de Inovação e Sistema Setorial de Inovação, pois na verdade os sistemas de inovação vão além das aglomerações espaciais ou setoriais por considerarem também o conjunto de instituições formais e informais associadas a uma determinada localidade. Uma aglomeração produtiva pode ser, ou não, parte de um sistema regional de inovação, que também demanda a atuação de instituições de ensino e pesquisa, entre outras. Portanto, acredita-se que a associação entre os conceitos de sistemas de inovação e aglomeração devem ser revistos ao longo do texto.
5. Dado que o objetivo do trabalho, de acordo com a sua introdução, é mostrar como acontece a relação entre a empresa e seu setor, contribuindo com a discussão sobre os sistemas setoriais de inovação, é perceptível que o conceito ‘Sistemas Setoriais de Inovação’ é pouco desenvolvido ao longo do texto. Acredita-se que para uma melhor adequação da parte teórica à proposta empírica, o autor deve caracterizar este conceito, mesmo que brevemente, e relacioná-lo aos conceitos de aglomeração setorial e espacial, que são amplamente utilizados.
6. Já o conceito de sistemas regionais de inovação não é imprescindível para justificar teoricamente o trabalho podendo ser extraído do texto, uma vez que é associado de forma perigosa ao conceito de aglomeração espacial. É importante frisar que o esforço empírico presente no trabalho não apresenta variáveis que mostrem a influência do sistema regional de inovação, em seu devido sentido, sobre as empresas, mas apenas uma variável ligada à aglomeração espacial.
7. Verificou-se também que o autor não aborda alguns dos elementos chave para justificar a existência de aglomerações espaciais, como as externalidades Marshallianas ou as economias de aglomeração. Alguns aspectos ligados à literatura acerca dos *clusters* inovativos ou distritos industriais, podem ser importantes para justificar teoricamente a variável que indica aglomeração espacial no exercício empírico. A seguinte referência pode ser útil para a revisão:

ASHEIM, B. Industrial districts as ‘learning regions’: condition for prosperity? In: CONFERENCE OF THE IGU COMMISSION ON ‘INTERDEPENDENT AND UNEVEN DEVELOPMENT: Global-local perspectives’, 1995, Seoul. [Texto] Seoul: Step Group, 1995. Disponível em:< <http://www.step.no/reports/Y1995/0395.pdf >. Acesso em: jul. 2008.

1. Na seção destinada à metodologia do trabalho é notável a falta de uma melhor descrição das variáveis utilizadas. Na leitura não fica claro como as variáveis utilizadas na análise foram construídas e de quais fontes de dados foram obtidas. Numa nota de rodapé, na página 6, o autor menciona a utilização de dados da PINTEC, PIA, RAIS, INPI e SECEX. Contudo, ao se analisar qualquer uma das variáveis utilizadas no trabalho não é possível saber de qual destas bases ela é originária. Para romper com tal problema sugere-se a criação de um quadro que sintetize tais informações, ou mesmo a descrição destas variáveis no decorrer do texto. Mesmo que o autor indique outro trabalho no qual tais informações estão presentes, acredita-se que seja importante para a publicação que o artigo contenha a devida descrição das variáveis utilizadas no modelo econométrico.
2. Os títulos das tabelas 1 e 2 também são pouco explicativos, não apresentando informações importantes ao leitor. Por exemplo, o título da tabela 2 não indica que os “Resultados dos Efeitos Aleatórios” são apresentados setorialmente e de acordo com as variáveis aglomeração espacial e setorial. Acredita-se que estes títulos devem ser revistos.
3. Observou-se que em nenhum momento o autor especifica o período ao qual os dados se referem, o que se faz uma informação das mais importantes para a análise dos resultados obtidos no trabalho.
4. O autor usa ao longo do texto o conceito de inovação tecnológica e no exercício empírico a variável avaliada é a produtividade industrial. Faz-se necessário que o uso da variável produtividade como *proxy* para a inovação tecnológica, bem como a associação entre estes conceitos, seja justificado no decorrer do texto.